

UMA «FORNAX» LUSITANO-ROMANA NA EGITÂNIA

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

e

O. DA VEIGA FERREIRA

Desde que começaram as escavações metódicas na Egitânia, têm surgido já algumas ruínas e descobertas de real interesse para a arqueologia nacional e, como no caso da estatueta de madeira, de verdadeiro interesse arqueológico europeu ⁽¹⁾.

Trazemos agora a público o estudo detalhado de uma construção que serviu para cozer telhas de canudo (*imbrices*), pois nos entulhos do forno apenas encontrámos fragmentos deste material.

★

O forno romano ou «fornax» lança as suas raízes em fornos mais antigos como as escavações arqueológicas já demonstraram, principalmente em Espanha. Sabe-se que foram utilizados vários tipos de fornos quer para uso doméstico, quer para usos industriais.

⁽¹⁾ Na realidade, a pequena estatueta de madeira, encontrada num poço na Egitânia, é de uma raridade extraordinária. Segundo informação de Garcia y Bellido a um dos signatários (D. F. Almeida) é exemplar único no ocidente europeu.

Os fornos para uso doméstico são conhecidos desde a pré-história (cozedura de pão, olaria doméstica, etc.) ⁽²⁾. Pode dizer-se que existem desde a simples lareira ou cova de cozinha pré-histórica ⁽³⁾ até aos magníficos exemplares usados pelos romanos em Pompeia, Herculaneum e noutras cidades ⁽⁴⁾.

Normalmente os fornos domésticos não possuíam chaminé mas apenas, como ainda hoje nos fornos de cozer pão das nossas aldeias, um simples buraco de tiragem ou *ouvido*. Os fornos de uso mais industrial são conhecidos para vários fins: na metalurgia, na tinturaria, nas olarias, no fabrico de cal (*fornax calcaria*) e as fornalhas para o aquecimento pelos *hypocausta*, nos balneários das termas e casas de grandes senhores nas *villae* romanas.

Quando a necessidade impunha, os fornos domésticos para a cozedura de pão eram considerados de uso industrial, o *furnum*, como em Pompeia ⁽⁵⁾.

A «fornax» é a palavra corrente para designar o verdadeiro forno de características industriais ⁽⁶⁾.

Segundo Fletcher Valls e Alcacer Grau ⁽⁷⁾ podemos indicar os seguintes tipos de forno para a cozedura de cerâmica (*figlinum* ou *fictile opus*):

- 1 — Fornos de lar circular
- 2 — Fornos de planta ovalada
- 3 — Fornos de planta rectangular com um só lar

(2) A. do Paço e E. Sangmeister, «Vila Nova de S. Pedro — eine befestigte siedlung der Kupperzeit in Portugal». *Germânia*, T. 34, fasc. 3-4, Berlim.

(3) Em Muge, na Moita do Sebastião, encontrámos (V. Ferreira e J. Roche) verdadeiros fossos de cozinha onde se haviam preparado um ou mais leitões de cozinha ou de forno, constituído por calhaus rolados de quartzito onde se fazia fogo para os levar a grande aquecimento, tapados depois com argila de forma a fazer um verdadeiro forno enterrado. Este processo ainda hoje se usa muito pelos caçadores no Ribatejo.

(4) Amedeo Maiuri, «Pompei», *Istituto Poligrafico dello Stato*, Roma, 1958 (fig. 64, estampa XXXVI).

(5) Amedeo Maiuri, *Pompei*, ob. cit.

(6) L. de Albuquerque e Castro e M. Lúcio Cordeiro, «Um «fornax» luso-romano». *Estudos, notas e trabalhos do Serv. de Fomento Mineiro*, vol. XVI, fasc. 1-2, Porto, 1961.

(7) D. Fletcher Valls y Alcacer Grau, «El horno romano de Olocáu», *Archivo de Prehistoria levantina*, vol. IX, Valência, 1961.

- a) de grelha rectangular
- b) de grelha circular

4 — Fornos de planta rectangular com dois lares

- a) com pilares centrais
- b) com parede central

Os fornos para a cozedura de cerâmicas quer para olaria, quer para materiais de construção (*tegulae, imbrices, lateres, etc.*), obedeciam ao seguinte esquema genérico:

- a) Fornalha — local onde se fazia o fogo
- b) Grelha ou tabuleiro sobre a *suspensura* da *fornax* ou fornalha, como no *hypocaustum*
- c) Lar ou forno propriamente dito (onde se colocava o material a cozer)
- d) Abóbada ou cobertura do lar (*summa fornax*).
- e) Chaminé (quando a tinha)

Nos fornos lusitano-romanos ou melhor, hispano-romanos para cozedura de cerâmicas (*sensu lato*) foram utilizados dois sistemas:

- a) Os materiais ou substâncias a cozer metidos na câmara refratária (em abóbada); tudo era depois envolvido pelo fogo, gases, chamas, fumos e o próprio ar aquecido
- b) As substâncias a cozer eram metidas na câmara de cozedura e esta atravessada pelas chamas sem contudo actuarem directamente sobre o material a cozer de modo a não o queimarem

Pode dizer-se, com certa segurança, que na antiga Grécia o forno era constituído por uma construção redonda com, aproximadamente, um metro e meio de diâmetro na base, que era necessário refazer parcialmente depois de cada cozedura, pois a parte superior era

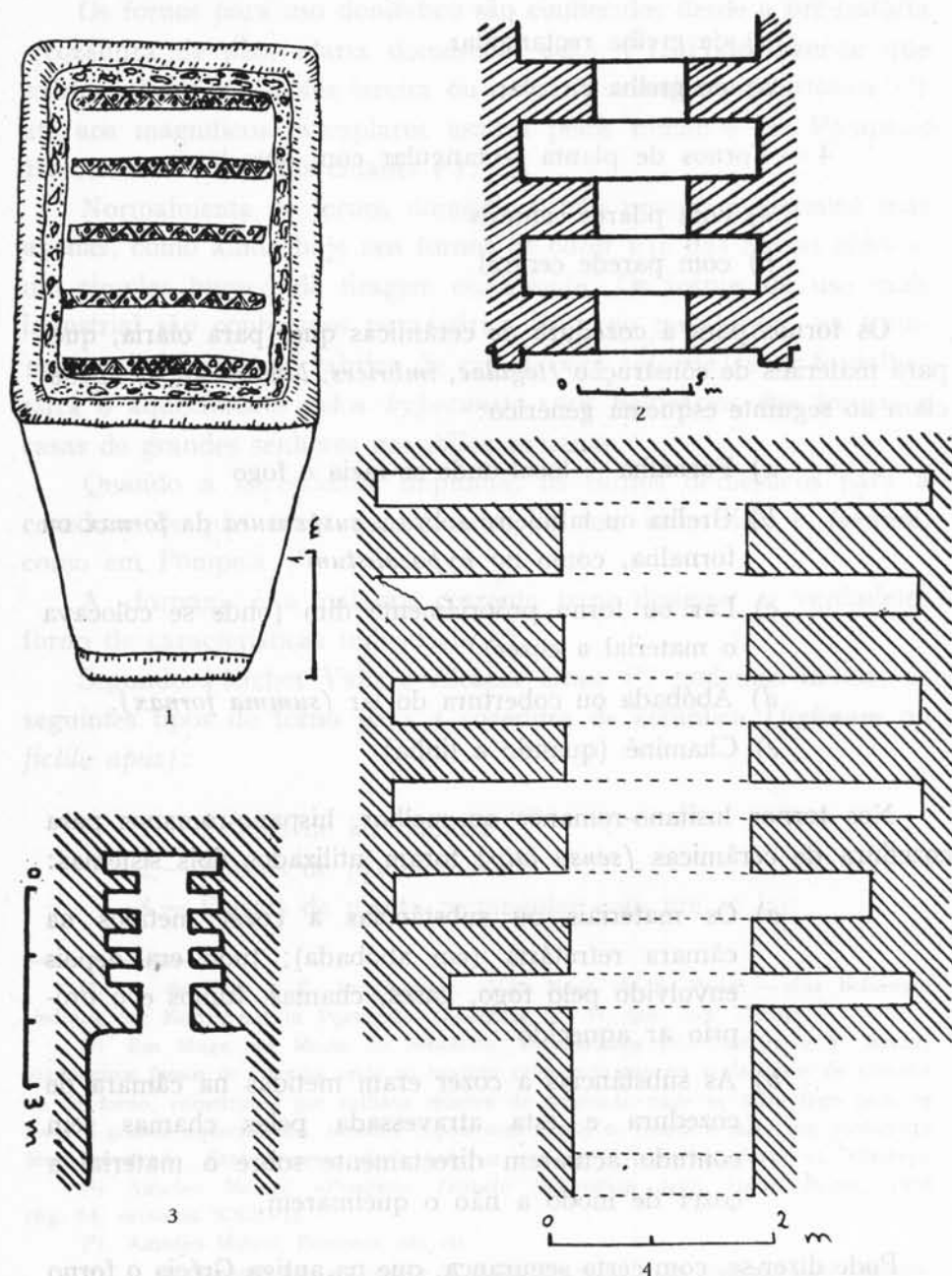


Fig. 1

- 1 — Forno de Chateau de Gravelius (Bordeus).
- 2 — Forno de Isla Redonda (Eciija).
- 3 — Forno de Ampúrias.
- 4 — Vall d'Uxó.

destruída depois de cada fornada. A fornalha era constituída por uma espécie de vestíbulo em forma de túnel que se alimentava com lenha ou carvão. As peças a cozer eram metidas no lar ou forno própria-mente dito. Acabada a cozedura, sempre vigiada por uma abertura com tampa no muro, refazia-se a parte superior, esta em forma de cone e acabada em chaminé ⁽⁸⁾.

Pela descrição se vê que os fornos na antiga Grécia tinham chaminé.

Quanto aos fornos cerâmicos hispano-romanos ou lusitano-romanos, apesar de haver bastantes ruínas nada se conhece das suas chaminés; naturalmente, devido à sua destruição depois de cada cozedura ou devido à sua fragilidade, não resistiram aos tempos.

O único forno conhecido que mantém a sua chaminé é o de Pompeia ⁽⁹⁾ mas deve-se atender ao facto de ser um forno especial para cozer pão e não para cozer cerâmica.

Albuquerque e Castro e L. Cordeiro ⁽¹⁰⁾ citam um forno romano perto de Estrasburgo, na Alemanha, encontrado bastante completo mas, como sempre, sem chaminé ⁽¹¹⁾.



A «fornax» de Idanha-a-Velha foi descoberta em 1962; mas não totalmente escavada nesse ano muito embora fosse já dada a conhecer públicamente por uma fotografia ⁽¹²⁾. Só agora nos foi possível executar a escavação total desta antiguidade.

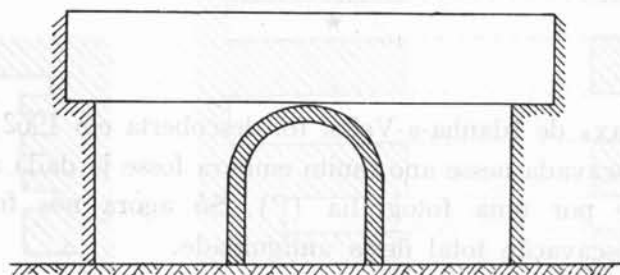
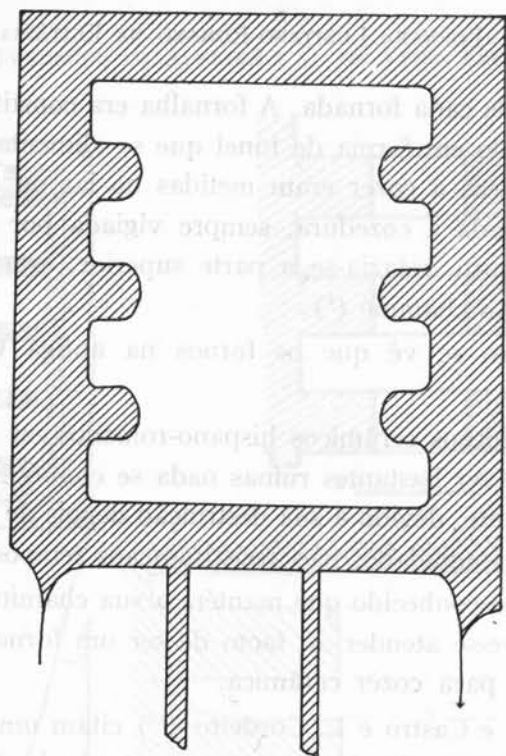
⁽⁸⁾ Emile Mireaux, «A vida quotidiana nos tempos de Homero», Lisboa, 1958.

⁽⁹⁾ Amedeo Maiuri, ob. cit.

⁽¹⁰⁾ L. Albuquerque e Castro L. Cordeiro, ob. cit.

⁽¹¹⁾ Daremberg e Saglio, «Dictionnaire des antiquités grecques et romaines», Paris, 1896, s. v. «Fornax».

⁽¹²⁾ O. da Veiga Ferreira, «Algumas descobertas importantes da Pré e Proto-história portuguesa nos últimos anos». *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, Guimarães, 1963.



Corte A-B

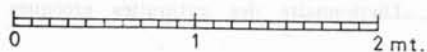
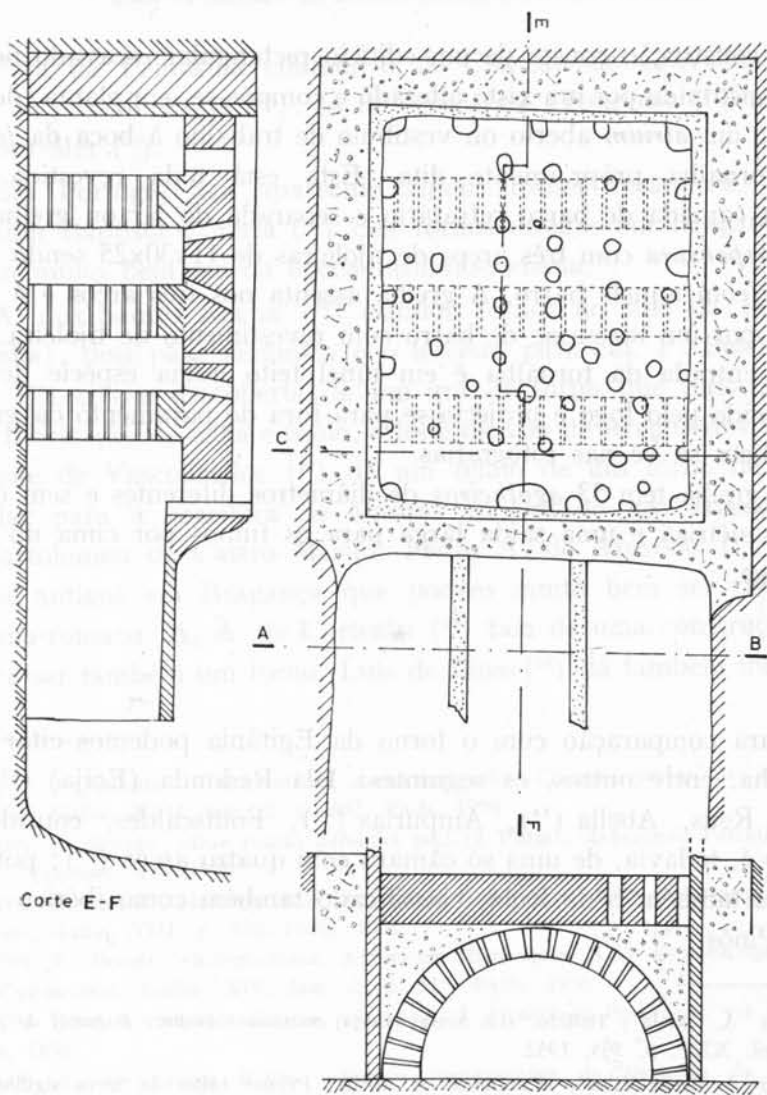


Fig. 2

Forno lusitano-romano da Egitânia
Plantas e cortes



Corte E-F

Corte C-D

0 1 2 mt.



A construção consta de um edificio rectangular escavado no terreno constituído por um xisto alterado e compõe-se, em planta, de dois corpos: um *atrium* aberto ou vestibulo de trabalho à boca da *fornax* e a fornalha pròpriamente dita. Esta está toda revestida com espessa camada de barro refratário e separada do lar ou grelha por uma *suspensura* com três arcos de tijoleiras de 11x30x25 sendo todos ligados com aquele barro. A grelha assenta nos três arcos e é constituída por um massame de barro com revestimento de tijoleira.

A entrada da fornalha é em túnel feito numa espécie de grés endurecido pelo fogo e projecta-se para fora do paramento da grelha, como bem se vê nas fotografias.

A grelha tem 53 *agulheiros* de diâmetros diferentes e sem disposição simétrica e uma saída larga para os fumos por cima do túnel de carga.



Para comparação com o forno da Egitânia podemos citar para Espanha, entre outros, os seguintes: Isla Redonda (Ecija) ⁽¹³⁾, El Villar Reus, Abella ⁽¹⁴⁾, Ampurias ⁽¹⁵⁾, Fontscaldes, considerado ibérico é, todavia, de uma só câmara com quatro arcos ⁽¹⁶⁾; por fim, citamos também o de Rubi, classificado também como ibérico ⁽¹⁷⁾ e o de Pinós ⁽¹⁸⁾.

⁽¹³⁾ A. Garcia y Bellido, «La Astigi (Ecija) romana». *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXV, p. 395, 1952.

⁽¹⁴⁾ J. Serra Vilaró, «Cerámica en Abella. Primer taller de terra sigillata descubierto en España». *Junta Superior de Escavaciones y Antigüedades*, n.º 73, Madrid, 1925.

⁽¹⁵⁾ J. Puig y Cadafalch, «Els forn d'Empurias». *Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans*, VI, p. 705, 1915-1920, Barcelona, 1923.

⁽¹⁶⁾ J. Colominas Roca, «El forn iberic de Fontscaldes», *Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans*, VII, 1921-1926, p. 65, Barcelona, 1931.

⁽¹⁷⁾ J. Colominas Roca, «Un forn de cerámica ibérica a Rubi», *Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans*, VII, 1921-1926, p. 65, Barcelona, 1931.

⁽¹⁸⁾ J. Colominas Roca, (Forn de cerámica ibérica del Pinós); Serra (Riu Congost), *Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans*, VIII, 1927-1931, p. 54, Barcelona, 1936.

Fora da Península citamos o de Chateau de Gravelins (Bordéus) ⁽¹⁹⁾, o de Ptuja ⁽²⁰⁾, os de Muscapeu (Tourves) ⁽²¹⁾ e Saint-Cyr-sur-Mer ⁽²²⁾.

Em Portugal têm aparecido alguns fornos cerâmicos. Assim, Joaquim Baptista Correia ⁽²³⁾ cita fornos antigos em Bragança que podem muito bem ser da época lusitano-romana.

A. dos Santos Rocha ⁽²⁴⁾ estudou fornos no sítio da Pedrulha (Brenha), dois para cerâmica e o terceiro para cal. P. Belchior da Cruz ⁽²⁵⁾ cita a descoberta de um grande forno que tinha servido para fabricação de telha e tijolo, a leste da vila de Arruda dos Vinhos. J. Leite de Vasconcellos ⁽²⁶⁾ dá um relato de um forno de planta circular para a cozedura de ânforas encontrado nos arredores de S. Bartolomeu de Castro Marim. Pedro A. de Azevedo ⁽²⁷⁾ indica fornos antigos em Bragança que podem muito bem ser da época lusitano-romana. A. A. de Cortesão ⁽²⁸⁾ fala de uma construção que parece ser também um forno. Luís de Pina ⁽²⁹⁾ dá também indicação

(19) J. Coupry, «Informations archéologiques — Circonscriptions de Bordeaux. Sennens», *Gallia*, XVII, fasc. 2, p. 382, Paris, 1959.

(20) A. Smodic, «Due rimski keramici peci 12 Ptuja», *Arheoloski Vestnik*, IX, 1, p. 39, Ljubljana, 1958-1959.

(21) F. Benoit, «Informations. Antiquités Historiques. XII^e circonscription. Var. Tourves», *Gallia*, VIII, p. 128, Paris, 1952.

(22) F. Benoit, «Informations. Antiquités Historiques XXI^e Circonscription Var. Saint-Cyr-sur-mer», *Gallia*, XIV, fasc. 2, p. 225, Paris, 1956.

(23) Joaquim Baptista Correia, «Salacia», *O Archeologo Português*, vol. II, p. 7, Lisboa, 1896.

(24) A. dos Santos Rocha, «Fornos luso-romanos da freguesia da Brenha», *Memórias sobre a Antiguidade*, Figueira da Foz, 1897.

(25) Belchior da Cruz, «Antiguidades da Arruda dos Vinhos», *O Archeologo Português*, vol. III, p. 143, Lisboa, 1897.

(26) J. Leite de Vasconcellos, «Olaria luso-romana de S. Bartolomeu de Castro Marim», *O Archeologo Português*, vol. IV, p. 329, Lisboa, 1893.

(27) Pedro A. de Azevedo, «Fornos antigos em Pragança», *O Archeologo Português*, vol. X, p. ??, Lisboa, 1905.

(28) A. A. Cortesão, «Uma construção antiga», *O Archeologo Português*, vol. XIII, p. 92, Lisboa, 1908.

(29) Luís de Pina, «Subsídios para a arqueologia do concelho de Guimarães — Os fornos da Ribeira de S. João da Ponte», *Revista de Guimarães*, vol. XXVIII, Guimarães.

de existir um outro forno. Albuquerque e Castro e L. Cordeiro ⁽³⁰⁾ estudam, como acima se viu, um outro forno e cita a existência de mais um nos arredores de Coimbra segundo informação de Bairrão Oleiro. A. do Paço, F. Barbosa, Nascimento e Sousa e Bergstrom Barbosa ⁽³¹⁾ falam de um forno romano a 200 metros da povoação de Alcobertas e dão uma fotografia do lar. Pela fotografia vê-se que é rectangular e parece ter três arcos na *suspensura*.

Finalmente podemos dar a informação da existência, perto do Bombarral, de um forno para cerâmica com lar rectangular ⁽³²⁾ e de um outro ao lado da muralha Sul do castelo de Sines (inédito) ⁽³³⁾.

RÉSUMÉ

Les auteurs font l'étude d'un fourneau de l'époque romaine trouvé à Egitânia. Ils font aussi la comparaison avec les fourneaux pré-historiques et de l'âge du Fer ibériques aussi que les connus en France. Ils donnent encore la classification des plusieurs types de fourneaux.

⁽³⁰⁾ L. de Albuquerque e Castro e M. Lúcio Cordeiro, ob. cit.

⁽³¹⁾ A. do Paço, F. Barbosa, J. Nascimento e Sousa e F. Bergstrom Barbosa, «Notas arqueológicas da região das Alcobertas (Rio Maior). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

⁽³²⁾ Foi-nos mostrado por um amigo, Jorge de Almeida Monteiro, Director do Museu do Bombarral, o que muito agradecemos.

⁽³³⁾ Escavações de José Miguel Costa.